

# ARTE SACRA NO CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DE ÉVORA



# CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS LUGARES DE CULTO DE MATRIZ CRISTÃ

No espaço geográfico do atual concelho de Reguengos de Monsaraz encontramos, desde tempos remotos, claros testemunhos de misticismo e religiosidade, expressos tanto em património móvel e edificado como nas designadas paisagens sacralizadas que se expressam por excelência no megalitismo existente. Dentro do património construído de vocabulário cristão, temos as igrejas matrizes, a que se juntam diversas capelas, ermidas e pequenos oratórios, testemunhando diferentes épocas tanto no estilo arquitetónico como nos elementos decorativos, alojando ainda significativo património móvel. O que hoje podemos desfrutar, em termos de património edificado, guarda em si uma intensa marca de ruralidade, simbiose de diversas influências artísticas e culturais, denunciadas, por exemplo, nos materiais que foram preferidos e nas técnicas de construção utilizadas. Acerca deste património, e no sentido de entender o seu percurso, procuraremos reconstruir a sua história e a memória dos lugares privilegiando os testemunhos colhidos a partir do *Livro da Visitação do Bispado de Évora* de 1534 e das *Memórias Paroquiais* de 1758<sup>1</sup>, com o objetivo último de enquadrar o património móvel referido no livro *Arte Sacra no Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Efetivamente, percorrendo estes testemunhos, são citadas muitas imagens e objetos de culto que foram escolhidos para ilustrar o presente trabalho, verificando-se também que muitos deles não se encontram no seu lugar de origem.

Sob o ponto de vista da organização e administração eclesiásticas da arquidiocese de Évora, o concelho de Reguengos de Monsaraz conta com as matrizes da sede de concelho (paróquia de Santo António), de S. Pedro do Corval (paróquia), de S. Marcos de Campo (paróquia)

e de Santa Maria da Lagoa de Monsaraz (também sede paroquial). A estas paróquias, e ainda neste concelho, se junta a paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Campinho<sup>2</sup>; todas pertencem à vigararia de Reguengos de Monsaraz, que conta ainda com as paróquias dos concelhos limítrofes de Portel e Mourão.

A matriz de **Reguengos de Monsaraz** celebra este ano, 2012, cem anos de existência; de facto, apesar de a sua construção se ter iniciado em 1887, apenas em 1912 foi inaugurada. Projeto da autoria do arquiteto António José Dias da Silva, de acordo com a estética neogótica coeva, sucedeu à igreja de Santo António dos Reguengos, construção do século XVIII (1785) e começada a demolir c.1915. Esta igreja fora construída a partir da anterior ermida, já existente em 1680. Santo António dos Reguengos existia como freguesia autónoma, desmembrada da Caridade, desde 1752<sup>3</sup>. Em junho de 1758<sup>4</sup> o pároco José Valadares da Costa informava que esta freguesia, comarca de Vila Viçosa e termo de Monsaraz, pertencia à Casa de Bragança, contando com 291 vizinhos e 856 residentes. Segundo o pároco, existiam nesta freguesia duas aldeias, Reguengo de Baixo (250 vizinhos), sede da paróquia, e Reguengo de Cima (41 vizinhos). O orago era Santo António dos Reguengos, igreja de uma só nave, e contava com quatro altares (de Santo António, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Carmo, e das Santas Almas). Estes altares mantiveram-se na nova igreja de inícios do século XX, a que se acrescentaram os de N.ª Sr.ª da Piedade, do Calvário e do Senhor Jesus dos Passos. Em 1758 eram três as irmandades, a do Santíssimo Sacramento, a das Almas e a do Rosário. Não existiam ermidas filiais da paróquia.

Os livros paroquiais mais antigos da **paróquia S. Marcos do Campo** datam de 1587, paróquia que já existiria desde finais do século XIII<sup>5</sup>. A igreja quinhentista conheceu importantes obras no século XVIII, em consequência do terramoto. Destaca-se, na decoração interior, a presença da talha barroca e de alguns frescos do período joanino.

No *Livro da Visitação do Bispado de Évora* de 1534<sup>6</sup>, *S. Marcos capela curada* é descrita como bem servida no espiritual, sendo que, no temporal, o Visitador mandou aos fregueses "(...) da dita capella que ponhão nella hua pia de pedra bem feyta e que quebrem a que hora tem de barro e a enterrem no adro E asy porão mais na dita capela hua caxa para os samtos óleos per quamto a que hora tem he quebrada. E huu par de castiçais dela (...) o que asy comprirão ate o dia de natall primeiro que vem sob penna de dous mil rs."<sup>7</sup>. Estas alterações deviam ser pagas pelos fregueses que, não querendo pagar, se veriam privados de assistir à missa, devendo deslocar-se à matriz, com pena pecuniária em caso de incumprimento.

O seu cura em 1758, o P. Domingos do Monte, descrevia que a freguesia pertencia à comarca de Vila Viçosa e ao termo de Monsaraz, pertencendo à Casa de Bragança, e contando com 270 vizinhos e 904 pessoas; compreendia 5 aldeias: a de S. Marcos (com 111 fogos e 372 pessoas), a aldeia da Cumeada (com 31 fogos e 105 pessoas), a aldeia do Campinho (com 63 fogos e 174 pessoas), a aldeia dos Caieiros (com 28 fogos e 120 pessoas) e a aldeia da Ravasqueira (com 28 fogos e 127 pessoas<sup>8</sup>). A sede paroquial, em 1758, situava-se na aldeia de S. Marcos, designação do orago, com igreja de nave única abobadada (como atualmente se mantém). Ti-

nha três altares: do lado da Epístola, o de Nossa Senhora do Rosário, do lado do Evangelho, o de Santo António, sendo o principal o de S. Marcos. Os primeiros altares citados (N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário e Santo António), ainda existentes, são os mais antigos, com frescos e talha de inícios do século XVIII. Existiam, em 1758, 5 irmandades: de S. Marcos, das Almas, de St. António, do Sacramento e de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário. Dependiam da paróquia três ermidas: a de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, no Roncão d'El Rei, a de S. Tiago, na herdade do Morgado dos Peixinhos, pertença dos Lucenas, de Vila Viçosa, e a de Santo Amador (fundada em inícios do século XVIII na herdade de Francisco Nunes Balancho), nenhuma delas com romagens.

Nem a paroquial, nem as citadas ermidas, terão sofrido danos graves com o terramoto de 1755, segundo o cura. As *Memórias Paroquiais* permitem ainda sublinhar a abundância de caça no Roncão d'El Rei, permitindo grandes montarias, bem como a proximidade do Guadiana, com muitos moinhos e pisões, obrigando ao uso de barcas para a passagem para a margem esquerda dada a inexistência de pontes.

Quanto à atual **paróquia de S. Pedro do Corval**, a igreja matriz situa-se em S. Pedro do Corval (antiga Aldeia do Mato). A sua construção ter-se-á iniciado em 1799 e finalizado em 1805, sendo que apenas em 1810 foi benzida. Essa construção resulta da ação de um patrono local, António Estevens Broeiro (e de sua mulher, Josefa Maria), sepultados na capela-mor<sup>9</sup>. Da sua decoração exterior constam alguns elementos pombalinos, e no interior destacam-se os revestimentos estreados e marmoreados. Da sacristia fazem parte o paramenteiro e o primitivo retábulo maneirista com dossel rococó de

talha policroma provenientes da ermida anteriormente existente na aldeia, a de Nossa Senhora da Caridade, e que conheceu graves danos com o terramoto de 1755<sup>10</sup>. Num dos altares laterais da matriz, o do Santíssimo Sacramento, as imagens de S. José, do Menino Jesus e de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Dores também vieram da anterior ermida, sendo que o altar do lado do Evangelho apresenta a imagem de S. Sebastião, provindo da ermida de S. Pedro, e a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário, ladeando a imagem central, Santa Rita de Cássia.

Na *Visitação* de 24 de julho de 1534 a atual ermida de S. Pedro<sup>11</sup>, dedicada a Nossa Senhora do Rosário e designada na altura como *capela curada de S. Pedro*, era sufragânea das matrizes de Monsaraz, e foi visitada por Fernão Marques, clérigo de missa, morador em Monsaraz, por mandado de Luís Alvares Proença, capelão e escrivão da câmara do Cardeal D. Afonso, visitador<sup>12</sup>. A visita foi acompanhada pelo Cura da capela, Estêvão Gonçalves, e por todos os fregueses, considerando-se que estava bem servida no espiritual e no temporal. Porém, foi mandado que os fregueses deviam, até à Páscoa seguinte, providenciar uma cruz de latão boa, portas novas de madeira em cada um dos portados da dita capela e melhorar o cálice, devendo ficar com um marco e meio de prata, com contribuição dos fregueses; o incumprimento significaria uma pena de mil réis e a não celebração de missa na capela, obrigando à deslocação à matriz. No domínio do espiritual, sob pena de excomunhão, são apontados dois casos de vida em comum considerados pecaminosos, sendo descritos penas e procedimentos. A esta capela curada acorriam fregueses vindos de Carpatelo, Aldeia do Mato, Baldio, Barroqueira, Ovelhei-

ros, Espinhais e de montes dispersos, aí ficando os seus registos de matrimónios, casamentos e óbitos de forma sistemática desde a década de 20 do século XVII. Ainda neste século (1681) a ermida já era local de romaria pelo culto à padroeira, e à volta do templo desenvolveram-se estruturas de acolhimento para romeiros, com diversas habitações de apoio, a exemplo de estruturas congêneres da região. No século XVIII era já importante a romagem anual desde a Aldeia da Amieira, termo de Portel, no segundo dia de Setembro, além das várias pessoas que ao longo do ano aí acudiam.

Em junho de 1758 o cura da freguesia de S. Pedro do Corval era António de Sousa e Silva, freguesia sedeada ainda na ermida de S. Pedro. A freguesia é descrita como pertencendo à província do Alentejo, arcebispado de Évora, termo de Monsaraz e comarca de Vila Viçosa<sup>13</sup>, pertencendo ao ducado da Sereníssima Casa de Bragança. Quanto ao número de vizinhos, eram 278, e o total de pessoas (maiores e menores de confissão) era de 975. No seu termo a freguesia tinha duas aldeias: uma, a Aldeia do Mato, com 79 vizinhos, e a aldeia do Baldio, com 67 vizinhos, ficando a paróquia fora das aldeias já declaradas.

O orago da freguesia de S. Pedro do Corval tinha três altares: o de São Pedro, com as imagens de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, Santo André, S. Sebastião, Santo Amaro e S. Gregório, o altar de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, com S. Francisco, S. Bento e S. Brás e o altar do Santo Nome de Jesus e S. Miguel, dedicado às Almas e a Santo António. A igreja é descrita como sendo sustentada por três arcos, e tinha duas irmandades, a de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas. São ainda noticiadas três ermidas filiais: a de N<sup>a</sup>

Sr.<sup>a</sup> da Caridade, benzida em 1727<sup>14</sup>, situada na Aldeia do Mato, a de Santo Ildefonso (fundada em meados do século XVI) e a de Santa Margarida, as duas últimas situadas fora das aldeias, mas anexas à freguesia. Quanto aos danos sofridos com o terramoto de 1755, em relação à ermida de S. Pedro, então capela curada, os três arcos que a sustentavam terão conhecido grave ruína, abrindo todo o frontispício, ficando separadas as paredes e o arco da capela-mor, bem como o fecho da abóbada da capela; também o presbitério foi afetado, daí as importantes obras que conheceu a seguir ao terramoto (fachada, torre sineira). Na Aldeia do Mato, a ermida da Caridade sofreu danos no arco da capela, na de Santa Margarida as paredes-mestras ficaram muito arruinadas, (bem como a cobertura, dando origem ao seu abandono no século XIX), na de Santo Ildefonso também as paredes-mestras e o arco da capela ficaram arruinados, sendo que já estava reparada em 1758; terá conhecido posteriormente um período de menor afluência de crentes, levando este abandono à necessidade de obras, sendo novamente aberta ao culto em 1964.

Nos *Paroquiais Extintos* do termo de Monsaraz, a partir sobretudo da década de oitenta do século XVIII, são citadas, na freguesia de S. Pedro do Corval, duas irmandades e a sua constituição<sup>15</sup>; uma delas, a das Almas, e da sua atividade, termina quando começa a outra, a do Santíssimo Sacramento, que se afirma de forma muito sólida (notemos que não é citada a de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, referida em 1758). Estas duas irmandades eram muito dinâmicas, tanto no empréstimo de dinheiro a juros (onde se enquadra um empréstimo para o fundador para construção da matriz em 1787, e que era Irmão na con-

fraria do Santíssimo Sacramento<sup>16</sup>) ou ainda operações de compra<sup>17</sup>.

A organização paroquial de Monsaraz, vila que este ano comemora os 500 anos do foral manuelino, é um dos mais significativos exemplos no que respeita à evolução da organização eclesiástica local e à sua relação com os poderes político-administrativos. Vejamos alguns elementos que contribuem para esta constatação. Quanto à **paróquia de Santa Maria da Lagoa** (ou Santa Maria do Castelo), a sua referência mais antiga data de 1291<sup>18</sup>. Na *Visitação* de 1534<sup>19</sup>, em que se regista que a igreja era comenda do Duque de Bragança e que o seu reitor e prior era João Alvares, o visitador afirma que tudo estava conforme no espiritual, sendo que no temporal as vestimentas deviam ser benzidas, a cruz de prata deveria ser concertada e deveriam ser providenciadas tábuas para colocar os círios até ao Natal. Frisemos que em Monsaraz existiam, antes de 1534, 4 matrizes (Santa Maria, Santiago, S. João e S. Bartolomeu), sendo que, em tempo próximo à *Visitação*, S. João<sup>20</sup> fora anexa a Santa Maria e S. Bartolomeu<sup>21</sup> a Santiago, pelo que o número de missas diárias celebradas diminuía para metade, ao mesmo tempo que as rendas continuavam a ser arrecadadas. Perante este facto, o Visitador "(...) mandou aos ditos comendadores das ditas Igrejas e beneficiados delas que de todo o Rendimento que has ditas duas Igrejas Remderem das partes que aos ditos comendadores e Beneficiados pertencerem paguem dous capelães os quais // digão cada dia as ditas duas misas daqui por diante convem a saber na Igreja de santa maria hua e na de santiaguo outra E os capelães que has ditas mysas disserem terem tal maneira que as diguam onde que Fi-

quem em misas de prima pera hos ditos fregueses ouçam misa cedo antes de irem para seus trabalhos o que asy os comendadores e beneficiados cumpram sob penna de cinco cruzados cada hum que ho nom cumpra. (...)”<sup>22</sup>. Na visita à capela da Trindade na igreja de Santa Maria refere-se a necessidade de obras: “(...)“Mandou a alvarodiaz administrador da capella da trindade que mande ladrilhar a dita capela toda muito bem de maneira que se nom aRanquem os ladrylhos. E asy ponha nela huu frontall de chamalote vermelho foRado de bocasym com sua franja pera as festas. E mandou foRar o alltar d’azullejos boos e o fação da gramdura dos outros dous da dita Igreja o que asy cumpra o dito administrador ha custa da Renda de toda a capella asy da parte do deFunto como da sua sob penna de dous mil reis ate dia de natall primeiro que vem (...)”<sup>23</sup>. Foram depois visitadas todas as capelas instituídas em Santa Maria, conferidos os administradores e as respectivas rendas: capelas de Maria Afonso, de Gomes Martins Silvestre (que seria, precisamente, a capela da Santíssima Trindade, cujas obras citámos acima), de Martim Lopes, de João do Vale da Torre, de João Luís Fialho, de Catarina Martins Botelho, de Diogo Mendes Vasconcelos, de Fernão de Anes do Alemo e sua mulher, de Vitor Nunes (de alcunha o Perdigão), de Fernão Vaz Azinheiro, de Maria Afonso (Pandeira de alcunha), de Maria Gonçalves Pidipos e uma obrigação de Rui Fernandes Barros.

Em junho de 1758, o prior da igreja, António José Guião, informa que a freguesia de Santa Maria tinha 103 fogos e 387 pessoas (159 dentro da vila, 7 no arrabalde e 221 no campo). Com sede no meio da vila, o orago da freguesia era Nossa Senhora da Alagoa, com a proteção

de Nossa Senhora da Conceição, em igreja com nove capelas e oito altares, “todos ornados com tribunas de talha ao moderno com magnificencia”. É descrito o altar central, com a imagem de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, ladeada por S. José e S. Pedro; do lado do Evangelho, as capelas do Santíssimo Sacramento, de S. Francisco (onde estava instituída a Ordem terceira), a da Irmandade das Almas e a da pia batismal; do lado da Epístola, as capelas de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, de Santo António (onde estava, à altura, um sacrário com uma relíquia do Santo Lenho), a da Senhora do Monte do Carmo e a capela ornada com um painel sobre as Tentações de Cristo. A igreja sofrera com o terramoto, e já estava reparada na altura; o cura testemunha que se levantavam na altura as duas torres da fachada e o frontispício com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, com “quinze palmos de altura”. Existiam na matriz as Irmandades das Almas (já existente em 1634), do Sacramento (comum com Santiago), do Santíssimo Rosário, de Santo António e da Ordem Terceira<sup>24</sup>. Neste templo destaca-se, atualmente, o retábulo do altar-mor, de talha policroma, de meados de Seiscentos. Esta freguesia tinha quatro ermidas filiais, todas fora de muros: S. João Baptista, S. Cristóvão<sup>25</sup>, S. Lázaro<sup>26</sup> e Santa Catarina<sup>27</sup>, estas últimas já muito arruinadas em 1758, devido ao descuido da Câmara da vila, segundo o cura António José Guião.

Quanto à matriz de **Santiago, Monsaraz**, os seus comendadores, em 1534, eram Heitor Figueiredo, Gonçalo Gil, Manuel de Sequeira e Gabriel Figueira; o seu reitor era o vigário Gaspar Álvares, e tinha dois beneficiados, Fernão Barbosa e António Borges. Tinha 136 fregueses. Foi visitada no mesmo dia, pelo

mesmo visitador, registando-se que estava bem servida no espiritual, mas que no temporal os comendadores deviam concertar um pálio, uma cruz de prata, uma arca para os ornamentos e uma banca. Neste domínio, é frisado o estado da igreja, pelo que "(...) Mandou aos ditos comendadores que mandem concertar as linhas da dita Igreja com suas mãos de teRa por quamto se afastão muyto as paredes para fora. Mandou mais por na dita Igreja hua estante alta e boaa pera Rezarem os cleriguos em coro per quamto a que ora hy ha he muyto velha e quebrada. O que asy cumpram ate dia de natall primeiro que vem sob penna de cimco cruzados. (...)”<sup>28</sup>. Foram também verificadas as duas capelas aí instituídas, uma de Martim Afonso Mouro e outra de Catarina Alvares.

Para ambas as matrizes foram analisadas as propriedades foreiras e as heranças, bem como das matrizes que lhes haviam sido anexas.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 o padre Manuel Gomes Velho descreve a freguesia de Santiago. Intramuros, nos arrabaldes e nos campos eram 924 pessoas obrigadas à confissão. Das matrizes de Monsaraz dependiam cinco freguesias: Santo António dos Reguengos, S. Pedro do Corval, S. Marcos do Campo, N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Vidiueiras e N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Caridade<sup>29</sup>. O orago da freguesia era Santiago Maior, a que estava anexa a igreja de S. Bartolomeu; a igreja de Santiago tinha 5 altares e uma tribuna na capela-mor, ambas em talha dourada. A imagem de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Esperança encimava a tribuna, e era ladeada pela de Santiago (do lado do Evangelho) e de S. Brás (do lado da Epístola); na nave, os altares, com nicho são descritos (Sr.<sup>a</sup> da Graça, S. Pedro e Santa Bárbara, do lado do Evangelho, Santa Ana, S. Sebastião, Santa Rita de

Cássia, num único altar, e o altar dos Sagrados Corações de Jesus e Maria do lado da Epístola – originariamente de S. Brás); a igreja tinha uma irmandade, fundada em 1749, a dos Santíssimos Corações. O edifício conheceu importantes obras estruturais c. de 1727, sobretudo ao nível das coberturas, sendo que, como vimos, o seu estado já fora comentado na *Visita* de 1534. São depois enunciadas as diversas igrejas que eram filiais da freguesia de Santiago. Dentro da vila, a igreja do Santo Espírito, anexa ao hospital, administrado pela Misericórdia de Monsaraz. Igreja de uma só nave, onde se destacava o altar colateral do lado do Evangelho dedicado ao Senhor Jesus dos Passos, imagem, segundo a tradição, doada por D. Teodósio de Bragança<sup>30</sup>. A capela de S. José, em frente à antiga cadeia, que fora mandada edificar por Domingos Lourenço Perdigão, em 1708, com missa quotidiana, para que os presos pudessem ouvir os ofícios divinos.

No arrabalde, é citada a ermida de S. Bento, dentro do forte, que fora a que mais sofrera com o terramoto; já na planície, a ermida de S. Sebastião (que, além do altar principal com o padroeiro, tinha dois laterais, um de S. Caetano outro de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça) bem como a ermida de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Orada (e a sua milagrosa imagem de pedra), junto à qual se fundara o convento de religiosos agostinhos descalços, que, em 1747 viram consagrada a nova igreja, maior, e para onde foram levadas as imagens da anterior ermida. Tinha cinco altares e uma grande tribuna na capela-mor, todos entalhados, sendo o maior reservado à padroeira. Existiam ainda o altar do Senhor da Boa Morte, de Santa Rita, de Jesus, Maria e José e o do Santíssimo Sacramento. O convento, sem patrono particular mas com proteção régia, terá conhecido gran-

de dano com o terramoto, especialmente o claustro e os dormitórios, sendo que as obras de reparação já estavam concluídas. Um pouco mais distante, referência para a ermida da Senhora do Monte do Carmo, concluída entre 1750 e 1763, em Motrinos.

A freguesia de Santiago foi extinta em Fevereiro de 1849, por determinação do arcebispo de Évora, ficando a sua igreja aberta ao culto até 1853.

Sufragânea das matrizes de Monsaraz era ainda a **capela curada de Santa Maria das Vidigueiras** (orago de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Neves ou das Vidigueiras, datando o seu livro paroquial mais antigo de 1603), visitada por Estêvão Lourenço, em 24 de junho de 1534. Foi considerado que tudo estava bem no espiritual, mas no temporal, tal como já havia acontecido com a capela curada de S. Marcos, é exigida a substituição da pia batismal, que era de barro e deveria ser quebrada e enterrada no adro da igreja, devendo ser substituída por uma de pedra bem lavrada. Também se deveriam adquirir dois castiçais de latão de qualidade e fazer um armário de parede para os santos óleos, bem como ter alguns cuidados com as sepulturas: “(...) Mandou aos herdeiros das pessoas que tiverem covas na dita Igreja que hate dia de nossa senhora de setembro primeira que vira comcertem as ditas covas E as que daqui em diante abrirem seus herdeiros as comcertem demtro em vinte dias do dia que se o defunto finar, o que asy compriram sob penna de quinhentos reis. (...)”<sup>31</sup>. Era na altura da *Visitação* administrada por João Mendes de Vasconcelos, filho de Diogo Mendes de Vasconcelos, e em cujas terras se localizava a igreja paroquial. Em 1758 a freguesia das Vidigueiras é descrita pelo seu cura, Álvaro Mendes Pires, como tendo

90 vizinhos, e 280 pessoas, sendo donatário o conde de Povolide. Não compreendia lugares nem aldeias, mas sim herdades e montes. O seu orago era N<sup>a</sup> Senhora das Neves, e a igreja tinha uma só nave, com três altares. No maior estava N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Neves, e nos dois colaterais, um era dedicado a N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição e o outro a N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, existindo ainda uma irmandade, assim denominada. Junto ao orago é citada uma torre antiga, em alvenaria, bastante arruinada, e pertença do conde de Povolide; outra similar existia no Paço do Esporão, então pertença do conde de Vila Nova, ainda mais arruinada, particularmente devido aos efeitos do terramoto de 1755, que também se fizeram sentir na ermida e sacristia da Senhora dos Remédios, encontrando-se ainda por reparar. Esta ermida da Senhora dos Remédios era, em 1758, filial das Vidigueiras, distando meia légua da paroquial; era de inícios do século XVI, junto ao solar dos morgados do Esporão, tivera a primazia de curado, e dela dependera a capela de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Neves das Vidigueiras (note-se como o estatuto se inverteu). A sua fundação deve-se a João Mendes de Vasconcelos, irmão de Diogo Mendes de Vasconcelos, acima citado. A paróquia das Vidigueiras foi extinta em meados do século XIX e anexada à Freguesia de Reguengos de Monsaraz.

Também **Santa Maria da Caridade** era sufragânea das matrizes de Monsaraz. A Freguesia também era denominada Nossa Senhora da Caridade, fundada em herdade pertencente ao Cabido de Évora<sup>32</sup>; a sua fundação remonta ao século XV. A *capela curada de Santa Maria da Caridade* foi visitada por Jorge Lopes, clérigo, em 25 de junho de 1534. Nada havendo a dizer sobre o espiritual, o visitador mandou, no temporal, que deveria

ser efetivada a expulsão de um ermitão que fazia escândalo; ainda no temporal, que os fregueses fizessem um cálice e uma patena que ficasse pelo menos de marco e meio e que adquirissem uma boa cruz de latão; deviam ainda fazer um armário para os óleos, ladrilhar ou lajear o corpo da igreja, quebrar a pia batismal de barro (que devia ser partida e enterrada) e mandar fazer uma de pedra bem lavrada. Se os fregueses não quisessem cumprir com “(...) a dita pia de// Pedra mandou ao cura da dita capela sob pena de excomunhão Ipso facto e de mil rs que lhe nom bautize asy seus Filhos e avendo alguns fregueses que nom queyrão pagar pera os sobreditos cousas mandou ao cura que nom diga/ misa com eles e os faça Ir a sua matriz como sam obriguados (...)”<sup>33</sup>, bem como pena pecuniária para os que tal não cumprissem.

Em maio de 1758 o Cura José Bernardo Garcia, que exercia o cargo desde 1755, descreve a freguesia, que pertencia ao termo de Monsaraz e se situava na comarca de Elvas; tinha cerca de um cento de vizinhos e 500 moradores<sup>34</sup>, sendo que o local onde se encontrava a sede da paróquia contaria com 50 vizinhos. O orago era N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Caridade, mas, segundo a tradição, inicialmente seria N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Claridade, dado o milagre que ocorreu com D. Afonso Henriques, que, no local, e numa investida contra os mouros, viu chegar a noite no campo de batalha e invocou o patrocínio de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Claridade, que o serviu com uma grande luz, permitindo-lhe alcançar a desejada vitória. Na igreja, de uma só nave, são descritos seis altares: S. Miguel, Santo António, N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rosário, S. Sebastião, do Senhor Jesus, sendo o maior o de Nossa Senhora da Caridade. Contava com duas irmandades, uma de St<sup>o</sup> António e outra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>

do Rosário. Nos limites da freguesia existia uma ermida filial, cujo orago era S. Romão, na herdade da Crujeira (ou Cruzeira), existindo uma romagem anual no dia do santo (9 de agosto). Quanto aos efeitos do terramoto, tanto a paroquial como a filial conheceram alguns danos, particularmente S. Romão, ficando as paredes todas abaladas; a ermida que hoje subsiste conheceu obras consideráveis na década de 40 do século XX. Na atual igreja de Nossa Senhora da Caridade, onde se destacam as campanhas joaninas da década de 40 do século XVIII sobretudo ao nível da pintura a fresco (batistério, capela-mor) e da talha polícroma, sublinhemos a conservação dos painéis de S. João Baptista e Santo André e do Martírio de S. Brás, localizados nos altares seiscentistas do topo colateral do presbitério.

### **Antónia Fialho Conde**

Historiadora

### **NOTAS**

<sup>1</sup> As *Memórias Paroquiais de 1758* procuravam, através de um questionário, apreender as consequências a nível local do terramoto de 1755; no caso de Évora, os párocos respondiam às determinações do Arcebispo, por Pastoral de 17 de março de 1758.

<sup>2</sup> A igreja de Campinho foi projetada pelo pároco de Reguengos, Pe. Luís Gonzaga Gama, e foi inaugurada por D. Manuel Trindade Salgueiro em Outubro de 1957. No concelho existem outras igrejas recentes, como a de Nossa Senhora do Carmo, nas Perolivas, benzida em 1964, destinada a servir os residentes da aldeia e dos povoados vizinhos, como Gafanhoeiras e Marmelos, ou a pequena igreja de Carrapatelo, de finais da década de 60 do século XX.

<sup>3</sup> Cf. José Pires Gonçalves, *A igreja velha de Santo António dos Reguengos*, Edição de “Palavra”, 1961. Por sua vez, a paróquia da Caridade viria a ser anexada a Reguengos por decreto arquiépiscopal de 8 de dezembro de 1966 por determinação do Arcebispo D. David de Sousa.

<sup>4</sup> ANTT, *Memórias Paroquiais*, Vol. 31, n<sup>o</sup> 56, pp. 315 a 320. No documento citado a freguesia é apresentada como “Santo António do Corval, comarca de Vila Viçosa”.

<sup>5</sup> A paróquia estaria sedeadada na herdade de Maria Afonso, filha de Afonso Pires de Arganil (século XIII), onde depois se fundaria a igreja. Cf. P. Henrique da Silva Louro, *Freguesias e capelas curadas da arquidiocese de Évora...*, p. 80.

<sup>6</sup> Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, fl. 183. No documento, S. Marcos capela curada é apresentada como sufragânea das matrizes de Monsaraz. A Visita efetuou-se em 24 de julho de 1534, e foi por Francisco Lopes, clérigo de missa morador em Monsaraz, por mandado de Luís Álvares Proença, capelão e escrivão da Câmara do Cardeal.

<sup>7</sup> Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, fl. 183.

<sup>8</sup> Frisamos o desaparecimento de duas destas aldeias enquanto tal, a dos Caiteiros e a da Ravasqueira.

<sup>9</sup> Diz o epitáfio: AQUI/IAS ANTONIO ESTE/VENS BROERO, E OS OSSOS DE SVA PR.A MV/LHER JOSEPHA MARIA/PRINCIPAIS FVNDADORES DESTA IGREJA/DE S. PEDRO DE ALDEIA/DO MATO QUE SE RIS/COU EM 29 DE JUNHO /DE 1799 E SE BENZEO/ EM 11 DE ABRIL DE 1810/SVA PROPRIA PROVI/ZÃO DE 7 DE FEVE/REIRO DE 1816.

<sup>10</sup> Esta pequena ermida, com características construtivas da segunda metade do século XVII, viu as suas instalações serem adaptadas a novas funções, e servindo atualmente de Sede à Junta de Freguesia do Corval, sendo que já anteriormente fora a Escola da aldeia: a toponímia próxima deste antigo tempo é significativa, enunciando as Ruas da Ermida e a Rua da Aula. Frisamos ainda que em 1782 e 1787 o reverendo Manuel Mendes da Encarnação, pároco da freguesia de S. Pedro do Corval e fabricante da ermida de Nossa Senhora da Caridade, emprestava dinheiro a juros pertencente a esta última ermida, provando que, embora com danos graves, a sua fábrica se manteve em funções depois do terramoto. Arquivo Distrital de Évora, Extintos de Monsaraz, Notarial 77, Fl. 82; Livro 78, fl. 3.

<sup>11</sup> A sua construção será anterior à Visitação de 1534, dado que os templos cujo padroeiro é S. Pedro são templos construídos maioritariamente nos séculos XII e XIII, e só posteriormente foi sede de curado. Correia de Campos não duvida que as duas cúpulas do templo correspondiam a dois morabitos, ampliados para a forma de fortaleza que ainda hoje invoca, e posteriormente cristianizados.

<sup>12</sup> Em 1575 e 1584 ocorreram mais duas Visitações: a primeira com o Cardeal D. Henrique, arcebispo de Évora, e a segunda com o seu sucessor no arcebispado, D. Teotónio de Bragança. Porém, as duas confinaram-se a Évora, contendo claras determinações para o Cabido da Sé.

<sup>13</sup> Esta questão está relacionada com a situação administrativa da vila de Monsaraz, que, em 1755, pertencia à comarca de Vila Viçosa (que era, desde 1461, parte do ducado de Bragança); em 1839 passou para a comarca de Elvas (tal como Mourão) e em 1852 para a de Reguengos de Monsaraz.

<sup>14</sup> A ermida terá sido mandada construir pelo Padre Francisco Caeiro, natural da Aldeia do Mato, professor na Universidade de Évora, e que apurou os seus estudos em Roma, onde viria a falecer em 1721, antes, portanto, da conclusão da ermida.

<sup>15</sup> A freguesia terá oficialmente visto aprovadas as irmandades do Rosário e das Almas Santas, e as confrarias do Nome de Deus, Senhora da Conceição, S. Bento, S. Brás e Santo António.

<sup>16</sup> Nesta altura, o juiz da irmandade era José Marques Pires e o escrivão e tesoureiro Manuel Nunes Roque; em 1794 foi emprestado algum dinheiro a oleiros da Aldeia do Mato, Valentim e José Marques. Arquivo Distrital de Évora, Extintos de Monsaraz, Notarial 19, fls. 64 e 96. Ainda neste Livro, no Fl. 64, verificamos que os empréstimos eram feitos também a religiosos, como o pároco de Nossa Senhora das Vidigueiras, Frederico José Pereira.

<sup>17</sup> Com a aquisição de um foro em 1784, a irmandade propunha-se colocar na paróquia um Sacrário para o Santíssimo "(...) para maior e mais reverenda veneração.(...)". Arquivo Distrital de Évora, Extintos de Monsaraz, Notarial 78, Fl. 100.

<sup>18</sup> Cf. P. Henrique da Silva Louro, *Freguesias e capelas curadas da arquidiocese de Évora: séc. XII a XIX*, 1974. De acordo com o Autor, terá sido na apresentação do P. João André para cura (L.º 2 de Padroados, Fl. 101v); ainda segundo o mesmo Autor, a referência mais antiga a S. Bartolomeu é de 1270, na apresentação do cura Afonso Peres (L.º 2 de Padroados, Fl. 101v) de S. João 1279, de apresentação ao cura Mendo Anes (L.º 2 de Padroados, Fl. 101v) e de Santiago em 1279 na apresentação ao prior Martim Soeiro (L.º 2 de Padroados, Fl. 101v). A primitiva sede paroquial de Monsaraz terá desaparecido em inícios de Quinhentos, depois de grandes obras asseguradas por D. Nuno Álvares Pereira.

<sup>19</sup> A *Visitação* teve início a 25 de julho de 1534 na Igreja de Santa Maria, feita por Luís Álvares, na presença do vigário da vara, um dos juizes e um vereador em nome dos fregueses, além dos comendadores da igreja, António Lobo (alcaide-mor da vila na altura), Jorge de Almeida, Manuel Pereira e Gonçalo de Azevedo. Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, Fl. 172.

<sup>20</sup> Curado já existente em inícios do século XIV.

<sup>21</sup> S. Bartolomeu surge na representação que Duarte de Armas faz de Monsaraz, sendo que a igreja já existia no tempo D. Dinis, quando este lhe nomeou, em 1279, como padroeiro e cura Afonso Peres.

<sup>22</sup> Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, Fls. 172v, 173.

<sup>23</sup> Idem, Fl. 173.

<sup>24</sup> O cura da freguesia de Santiago, numa descrição muito mais completa que a que é feita para Santa Maria, cita este magnífico templo, de 3 naves, que, dizia a lenda, teria sido fundada por D. Nuno Álvares Pereira; mas o cura aponta para 1561, datação que referencia que encontrou numa pedra dentro da igreja do lado do Evangelho.

<sup>25</sup> A data de fundação e as raízes históricas desta ermida, de arquitetura popular, são pouco conhecidas.

<sup>26</sup> Esta ermida terá sido fundada nos alvares do séc. XIV, no arrabalde da vila, para apoio à leprosaria; o seu abandono e ruína são anteriores às *Memórias Paroquiais*, em 1758, daí não ser citada.

<sup>27</sup> A sua fundação será um pouco posterior à reconquista cristã de Monsaraz, sendo atribuída aos monges-cavaleiros da Ordem do Templo, daí o seu hibridismo arquitetónico (romano-gótico, com influências mudéjares).

<sup>28</sup> Idem, Fl. 179.

<sup>29</sup> Para a história das paróquias hoje existentes, sublinhemos que o discurso do cura de Santiago refere que o Duque D. Jaime alcançara Breve para fazer comendas da Ordem de Cristo em 15 igrejas da sua apresentação. Em Monsaraz e seu termo, na década de 20 do século XVI, nomeou as comendas de Santa Maria (na vila, a maior de todas) a de S. Pedro do Corval, a da Caridade e a de S. Marcos, Santiago, Orada, S. Romão e Nossa Senhora das Vidigueiras. Santiago e a sua anexa passaram, nestes tempos, a depender do juiz executor da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães.

<sup>30</sup> No relato é ainda citado que no altar que se lhe opunha estava a Sr.<sup>a</sup> da Piedade, que, no dia do terramoto, caiu do altar e se prostrou aos pés de seu filho, pedindo-lhe proteção à vila e termo, razão pela qual nem os edifícios nem a população nada sofreram com o sismo.

<sup>31</sup> Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, Fl. 184v.

<sup>32</sup> Cf. P. Henrique da Silva Louro, *Freguesias e capelas curadas da arquidiocese de Évora...*, pp. 30, 31. As primeiras referências de ligação dominial de Santa Maria da Caridade ao Cabido eborense são de 1326, por doação do bispo D. Durando.

<sup>33</sup> Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIII/1-1, Fl. 186.

<sup>34</sup> Os geógrafos não eram unânimes em relação ao número de fogos e à população da freguesia, sendo que para Lima eram 315 fogos com 1148 almas; para Luís Cardoso, no *Dicionário Geográfico*, 221 fogos e no *Portugal Sacro* 101 fogos.

## FONTES

### Arquivo Distrital de Évora

Livro dos Extintos de Monsaraz, Notariais 71 a 84

Livros 1 a 13 dos Baptismos, Casamentos e Óbitos de S. Pedro do Corval

### Arquivo Nacional Torre do Tombo

Memórias Paroquiais, vol. 8, n.º 70, p. 463 a 466

Memórias Paroquiais, vol. 10, n.º 296, p. 2039 a 2046

Memórias Paroquiais, vol. 12, n.º 398, p. 2717 a 2724

Memórias Paroquiais, vol. 24, n.º 185, p. 1307 a 1330

Memórias Paroquiais, vol. 24, n.º 185a, p. 1331 a 1340

Memórias Paroquiais, vol. 31, n.º 56, p. 315 a 320

Memórias Paroquiais, vol. 39, n.º 166, p. 1023 a 1026

Memórias Paroquiais, vol. 42, n.º 43a, p. 23

Memórias Paroquiais, vol. 42, n.º 164, p. 83

<http://www.portugal1758.uevora.pt/>

### Biblioteca Pública de Évora

Códice CXXIII/1-1, *Livro da Visitação do Bispo de Évora* de 1534

## BIBLIOGRAFIA

BARATA, António Francisco - *O Alentejo Histórico, Religioso, Civil e Industrial no Distrito de Évora – Portel, Redondo, Reguengos e Viana*. Évora: Tipografia Eborense, 1893.

CAMPOS, Correia de - *A arquitectura árabe do país*. Lisboa: Edição do Autor, 1972.

CARDOSO, Luís - *Dicionário geográfico, ou notícia histórica de todas as cidades, villas lugares e aldeas, rios ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Officina Sylvana e da Academia Real, 1747-1751, 2 vols.

IDEM - *Portugal sacro-profano, ou, Catalogo alfabetico de todas as freguezias dos reinos de Portugal, e Algarve : das igrejas com seus oragos : do titulo dos parocos, e annual rendimento de cada huma : dos padroeiros, que apresentação : juntamente com as leguas de distancia da metropoli do reino e da cidade principal, e cabeça do bispado, com o numero dos fogos ...* Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1757-1768, 3 vols.

CARVALHO, José Maria de - *Memória Descritiva da igreja velha dos Reguengos*. 1936

ESPANCA, Túlio - *Inventário Artístico do Distrito de Évora: Zona Sul: Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1978, vol. IX, 2 tomos.

GONÇALVES, José Pires - *A igreja velha de Santo António dos Reguengos*. Évora: Gráfica Eborense, 1961.

IDEM - *A Ermida românica de Santa Catarina de Monsaraz*. Évora: Gráfica Eborense, 1969.

IDEM - A defesa e solar do Esporão, no termo de Monsaraz. *A Cidade de Évora*. Évora, n.º 58, ano XXXII (Jan. Dez. 1973), pp. 27-81.

LOURO, P. Henrique da Silva - *Freguesias e capelas curadas da arquidiocese de Évora: séc. XII a XIX*. Évora: Gráfica Eborense, 1974

IDEM - *O Culto de Nossa Senhora e dos Santos na Arquidiocese de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1967.

NOGUEIRA, Cónego Pedro Manuel - Memória Histórica sobre o concelho de Reguengos de Monsaraz. *O Instituto*, vol. XXXIV (1887), pp. 352-364, 402-414, 473-484, 518-532, 567-580, 626-638.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de - *Santuário Mariano*. Lisboa: Officina de António Pedrozo Galvão, 1707-1723, vol. VI.

SANTOS, António Salvador dos - *Principais santuários marianos da arquidiocese de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1992.